

A literatura no espaço da escola *

Literature in the school environment

**Simone Aparecida de Jesus
João Roberto Ferreira**

“Graças à arte, o ser humano pode atingir o absoluto”.

(TODOROV, 2021, p. 52.)

Resumo

O artigo reflete sobre qual o papel da literatura no espaço escolar. O objetivo geral é conceituar a literatura escolar, e os objetivos específicos são: entender como ela é discutida pelos autores, a importância da língua e a relação entre o que se tem nas escolas de Educação Básica no Brasil e o que poderia ser estudado, no que tange à literatura, resguardando-a como um direito humano. A metodologia foi a pesquisa bibliográfica em autores como Todorov (2021), Frye (2017), Schiller (1989), Candido (2011), dentre outros. A conclusão é que, mais do que uma ferramenta de ensino, a literatura constitui o homem e o humaniza.

Página | 46

Palavras-chave: literatura; arte; direito; escola básica.

Abstract

The article reflects on the role of literature in schools. The general objective is to conceptualize literature and the more specific ones are to understand how it is discussed by authors, the importance of language and the relationship between what is available in basic education schools and what could be studied in terms of literature, safeguarding it as a human right. The methodology was bibliographical research on authors such as Todorov (2021), Frye (2017), Schiller (1989) and Candido (2011), among others. The conclusion is that, more than a teaching tool, literature constitutes man and humanizes him.

Keywords: literature; art; law; elementary school.

* Este artigo está redigido em português do Brasil, mantendo-se a grafia original submetida pelos seus autores.

1. Introdução

Entendemos a literatura como de extrema importância para a formação do homem, para a constituição da sua humanidade, e, por isso mesmo, assim como Antônio Candido (2011) aponta, um direito indispensável a todas as pessoas. É nesse sentido que faremos as reflexões acerca da literatura no ambiente escolar, com ênfase no Ensino Fundamental, quando não se tem menção a uma disciplina de literatura, ou mesmo de conteúdos ligados à literatura, relegando-a a um dos gêneros a serem estudados, mas aparecendo como aporte para outros conteúdos.

2. Literatura – Necessidade e Direito

Compreendemos a literatura como uma dimensão da arte e, como tal, se embasa na premissa da liberdade, conectada diretamente ao espírito, independente de normatizações ou compromissos morais civilizatórios. Vivemos em um tempo em que a utilidade impera como senhora desse tempo, aquela que “quer ser servida por todas as forças e cultuada por todos os talentos” (Schiller, 1989, p. 22), quando para tudo se espera um retorno imediato e material. Um cenário no qual o mérito espiritual, o subjetivo, não tem valor, de modo que a necessidade do espírito é ignorada em detrimento da necessidade da matéria, da utilidade. É nessa perspectiva que entendemos a função dada à literatura atualmente, como ferramenta de ensino, instrumento para se chegar a algum outro conhecimento, seja na alfabetização, como um suporte de texto, ou como porta de entrada para introduzir conteúdos didáticos das demais áreas do conhecimento de modo “mais prazeroso”, pedagogizada e muito distante da liberdade, o que acaba por torná-la enfadonha e criar resistência para a leitura, num processo oposto ao esperado. Tanto que não é difícil identificar, na trajetória escolar, o percurso do desinteresse pela literatura, apesar de ela ser algo que desperta o interesse, a curiosidade e o imaginário infantil nos primeiros momentos de contato com esse universo.

Nesse sentido, é importante destacar que a ideia contida neste artigo não é, contudo, a de que deve haver um distanciamento entre literatura e alfabetização, mas a defesa de que havendo uma relação entre o ato da leitura e o aprendizado da leitura e da literatura, ela se dê de forma liberta.

Assim, compreende-se a perspectiva defendida também por Antônio Candido (2011), na qual salienta que literatura faz parte dos “bens incompressíveis”, aqueles dos quais ninguém pode abrir mão. É um dos direitos humanos fundamentais, o que significa que ela está entre as exigências vitais do homem, sem o qual ele não se humaniza. Nesse sentido,

[...] são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à

opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer, e por que não, à arte e à literatura. (Candido, 2011, p. 175)

Frye (2017) destaca que a literatura, enquanto arte, é compreendida pela imaginação, que conduz a uma direção diferente daquela da utilidade, pura e simples, como é hoje empregada na maioria das escolas, seja porque se encontra descaracterizada dentro do livro didático, que muitas vezes traz apenas excertos dos textos originais, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, principalmente, com destaque para grupos de palavras para o treino de leitura; seja quando os professores pensam as aulas de história, geografia ou outro componente curricular a partir de um livro literário, destacando dentro dele determinadas informações do contexto histórico, geográfico, etc. Nesse contexto, pesquisas apontam que a literatura tem sido abordada nas escolas como instrumento para o ensino de variados conteúdos, pois

[...] há, por parte de alguns autores, bem como fica claro também nos trabalhos acadêmicos selecionados para análise, uma preocupação quanto ao fato de que a escola tem feito da literatura um mero instrumento, tendo nas obras literárias um suporte para retirar os mais diversos conteúdos a serem estudados em sala de aula. [...] A leitura atenta dos Cadernos de Formação do PNAIC¹ permitiu verificar que a literatura é claramente abordada enquanto instrumento de formação, tanto no que tange ao ensino de Língua Portuguesa, na perspectiva do letramento, quanto como “pano de fundo” para o ensino de todas as áreas do conhecimento, aparecendo, muitas vezes, como parte dos gêneros textuais, sem quaisquer especificações quanto às suas características particulares, aparecendo também em todos os modelos de planejamento, projetos e sequências didáticas. (Jesus, 2019, p. 21)

Página | 48

Não queremos dizer que exista, entre a gramática e a literatura, um grande muro que as separe em definitivo, ou mesmo um distanciamento entre ela e as demais áreas do conhecimento. Segundo Barthes (2007), “todas as ciências estão presentes no monumento literário” (p. 17), reconhecendo o quanto a literatura é ampla e capaz de trazer as mais diversas possibilidades ao leitor. Para Frye (2017), a Língua precede qualquer outro objeto de estudo, sendo a gramática a normatização do que se convencionou acerca da língua, não sendo possível separá-la de nenhum objeto de estudo, e menos ainda da literatura.

De acordo com Jesus (2019), a literatura ocupa o lugar de ferramenta ou pano de fundo para o ensino de outras áreas do conhecimento, como constatado na investigação

¹ PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, instituído pela Portaria n.º 867, de 4 de julho de 2012. Política educacional de investimento na qualidade do Ensino Fundamental, a ser alcançada com base na formação continuada dos professores alfabetizadores (Jesus, 2019).

citada acima. A literatura, então, não é vista como aquela que contém todas as ciências, mas como aquela de onde se podem retirar informações acerca de todas as ciências, distante da experiência de liberdade e possibilidades, proposta no início da escolarização. São essas inquietações que movimentam este artigo.

3. Literatura - Arte

Ao diferenciar os níveis da mente, Frye (2017) defende que a linguagem literária está no nível da imaginação. Ainda existem mais dois níveis, o da consciência e perceptividade, no qual a linguagem é a conversa corriqueira, e o nível da participação social, no qual a linguagem é profissional ou tecnológica. São estas linguagens, a partir dos níveis da mente, os três motivos para falar.

A partir desse entendimento, o autor faz uma distinção entre ciência e arte, para chegar à literatura como um modelo de experiência. A ciência, para Frye (2017), seria “a parte do mundo onde temos de viver, aceitando seus fatos e tentando explicar suas leis” (p. 19), mais atrelada à realidade. Já a arte, “parte do mundo que construímos, e não do mundo que observamos” (Frye, 2017, p. 19), está mais próxima ao campo das emoções e desejos. Mas, tanto uma quanto a outra “operam num misto de intuição e senso comum” (Frye, 2017, p. 19), com a diferença de que a ciência passa por evoluções constantes e vai se aprimorando, enquanto a literatura é um modelo de experiência, não havendo uma evolução, uma continuidade entre as obras, não há uma superação do já estabelecido, mas a permanência. Ainda que outras obras sejam criadas de modo distinto, elas são apenas diferentes e não melhores ou piores, no sentido evolutivo. E ainda que haja uma nova versão da mesma história, ela não toma o lugar da versão anterior, apenas lhe dá uma nova face. Pode se dizer que a literatura pertence a um mundo construído pelo homem, de modo que o próprio mundo literário “é um mundo humano concreto de experiência imediata” (Frye, 2017, p. 11), do humano em sua forma, no qual tudo é possível e o limite é a própria realidade do homem.

Ao contar sobre suas primeiras aproximações com o universo literário ainda na infância, Todorov (2021) destaca o quanto de alcance a literatura tem e sua relação com a imaginação, a liberdade e o prazer, ainda desvinculada da pedagogização pela qual passa ao adentrar os muros da escola, antes também de serem feitas as escolhas que determinam como esta será abordada. No curso de Literatura, ele busca nas obras literárias sua própria materialidade do texto e suas formas linguísticas. Todorov (2021) refere: “Ao longo de meus estudos universitários, eu me habituei a identificar elementos das obras literárias que escapassem à ideologia: estilo, composição, formas narrativas, enfim, técnicas literárias” (p. 16). Contudo, a partir dos anos de 1970, ele se distancia dessa linha e passa a se dedicar à análise em si; segundo ele, um encontro com os autores. Ao se aproximar da psicologia, da antropologia e da história, Todorov precisou mergulhar na história do pensamento, na filosofia moral e política, o que fez com que suas percepções acerca da literatura e do ensino de literatura fossem modificadas. Com essa nova perspectiva passou a compreender que “A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes” (Todorov, 2021, p. 22).

Não há na literatura uma evolução a partir de pesquisas e desdobramentos, como ocorre na ciência, mas ela é constituída no contexto da realidade histórica, ainda que extrapole seus limites de espaço e tempo, de modo a contribuir com a compreensão do leitor sempre, pois o instiga a reflexões que consideram aproximações e distanciamentos da própria realidade vigente, permitindo diferentes possibilidades e perspectivas. Como diz Todorov (2021),

Os textos que lia – relatos pessoais, memórias, obras históricas, testemunhos, reflexões, cartas e textos folclóricos anônimos – não partilham o status de ficção com as obras literárias, e isso porque descreviam diretamente os eventos vividos; no entanto, do mesmo modo que a literatura, esses textos me faziam descobrir dimensões incógnitas do mundo, me tocavam e me incitavam a pensar. Em outras palavras, o campo da literatura se expandiu para mim, porque passou a incluir, ao lado dos poemas, romances, novelas e obras dramáticas, o vasto domínio da escrita narrativa destinada ao uso público ou pessoal, além do ensaio e da reflexão. (p. 22)

Há, nessa passagem, um importante indicativo para uma reflexão ampliada acerca do que se entende por literatura no âmbito da escola. Pois, ainda que esta esteja relacionada ao contexto social, ao seu tempo, e tenha contribuições relevantes para a compreensão do presente, trata-se de uma elaboração, individual e coletiva, para além dos exercícios didáticos de interpretação de textos, com perguntas óbvias, previsíveis e diretas, ou a simples busca por informações dentro dos textos, sejam elas de conteúdos de história, geografia, ciência ou mesmo para análise sintática, práticas muito vistas nas escolas brasileiras atualmente.

A literatura é parte da formação humana e, como tal, nos constitui. A questão é percebermos essa contribuição na singularidade que ela tem para além das atividades didáticas diárias e de busca de informações, ao considerar sua relação mais íntima e profunda com o leitor, pelas experiências com as quais ela o coloca, enquanto possibilidades com as quais poderá dialogar, debater, concordar ou discordar, num exercício de viver a experiência pelos contornos da literatura. Assim, como a filosofia e as demais ciências humanas, a literatura é “pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” (Todorov, 2021, p. 77). E há na literatura, ou em sua verdade, a tentativa de compreender a própria experiência humana. “Nesse sentido, podemos dizer que Dante ou Cervantes nos ensinam tanto sobre a condição humana quanto os maiores sociólogos e psicólogos e que não há incompatibilidade entre o primeiro saber e o segundo” (Todorov, 2021, p. 77).

A literatura, compreendida dessa maneira, nos leva a experiências singulares, mas preservando a diversidade, experiências diferentes daquelas que experimentamos em nossa realidade, mas que, ainda assim, nos apontam caminhos e reflexões acerca dela.

Todorov (2021) nos leva a compreender que a literatura não nos impõe uma tese, norma ou regra como as outras ciências. Ela nos põe a participar, ínsita a formular nossas

próprias teses, a pensar a respeito, confabular e tirar conclusões. Em sua íntima e subjetiva relação com o seu leitor, ela nos coloca em movimento constante que extrapola as páginas do livro e, também, o tempo destinado a ele. Um movimento interno, pois nos transforma, mas também externo, pois influencia em nossas ações e capacidade de lidar com a realidade do presente.

Tais implicações não são as mesmas para todos os leitores e, portanto, impossíveis de comprovações mecânicas, seguindo o mesmo caminho e as regras, como na matemática, pois para cada um existirão relações distintas com a sua realidade e mesmo a sua imaginação.

Entende-se que “a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial” (Todorov, 2021, p. 78). Dessa forma, algumas obras marcam tantas vidas e com tanta profundidade, que alteram seu curso, independentemente de estar ou não em seu próprio tempo histórico ou de haver entre seus leitores proximidade ou afinidades. É uma relação que se estabelece por afinidade e identificação, e não por obrigatoriedade e mediante padrões determinados.

Constituímo-nos a partir do outro, de suas experiências; primeiro a partir de nossos pais e familiares, de todos os que nos cercam, mas a literatura amplia infinitamente o contato com todo o tipo de experiência, possibilitando interações diversas com outros, proporcionando “sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo” (Todorov, 2021, p. 22).

Essa relação entre a literatura e o mundo parte do próprio autor, que deve conhecê-lo para “imitá-lo”, ainda que na ficção existam mundos impossíveis ou improváveis, mas também do leitor, que, para além do prazer da leitura e das experiências que ela apresenta, poderá tirar das páginas lidas valiosas lições que lhe provoquem reflexões e que podem até mesmo ser transpostas para a sua realidade. Para Todorov (2021), quanto mais os personagens são distintos do leitor, mais contribuem com a ampliação de seu horizonte, no sentido de nos colocar em contato com mais experiências. Há, nessa perspectiva, “uma inclusão na nossa consciência de novas maneiras de ser, ao lado daquelas que já possuímos” (Todorov, 2021, p. 81), mudando não o objeto pensado, mas o próprio leitor, suas próprias percepções, seu modo de ver o mundo, a forma como pensa sua realidade e as questões que lhe afetam.

Assim, é possível compreender que a literatura é ferramenta de busca, que permite a cada um, individualmente e coletivamente, responder melhor à sua humanidade. Um direito, “um instrumento consciente de desmascaramento”, de desvelamento das mazelas sociais, indispensável a todos, conforme nos assegura Candido (2011).

Nesse sentido, Candido (2011, p. 191) nos convida a uma reflexão sobre o homem do povo, o pobre, que muitas vezes é privado da possibilidade de conhecer e se apropriar da literatura de modo mais amplo, de gêneros mais elaborados, pois muitos só têm acesso à literatura de massa, ao folclore, à canção popular, ao provérbio e à sabedoria espontânea. Para o autor, todos esses gêneros são necessários, porém, são insuficientes, por não alcançarem toda a reflexão necessária à formação humana. E conclui que o elemento que faz com que parte da sociedade não tenha acesso às obras eruditas opera como um “mutilador da segregação cultural segundo as classes”

(Candido, 2011, p. 191). É nessa perspectiva que chegamos ao cerne da reflexão proposta neste artigo, ou seja, como a literatura chega à escola.

4. Literatura e Escola

Todorov (2011) apura que existe um entendimento de que o estudo do texto levaria a reflexões sobre cinco aspectos: a história da literatura e da cultura; os gêneros e registros; a elaboração da significação; a singularidade dos textos; e o efeito de cada discurso sobre seus destinatários. Tais critérios se baseiam numa escolha clara, a de não estudar, na escola, as obras literárias com o propósito de desenvolver reflexões sobre a condição humana, mas de inteirar os alunos acerca do que dizem ou defendem os críticos.

A maioria das disciplinas escolares têm muito clara essa escolha, as de exatas, por exemplo, se desenvolvem a partir de métodos, como os cálculos na matemática; já a disciplina de história tem os períodos históricos e suas características como objeto da disciplina. No caso da literatura, a escolha estaria entre estudar os métodos de análise, a partir de obras diversas, ou as obras consideradas essenciais a partir dos diversos métodos.

A escolha pelo método compreende os aspectos já citados: história da literatura e da cultura; gêneros e registros; elaboração da significação; singularidade dos textos; e efeito de cada discurso sobre seus destinatários, perspectiva na qual o ensino de literatura tem como objeto de conhecimento “construções abstratas, conceitos forjados pela análise literária, a fim de abordar as obras” (Todorov, 2021, p. 28), desconsiderando os mundos de possibilidades apresentados pela obra e que reverberam em seus leitores, ou seja, o que de fato é a literatura.

O que de mais formador a literatura tem, sua essência, a relação que estabelece com a realidade e as possibilidades que apresenta, é o que menos aparece no documento francês de Todorov (2011) e, também, nos documentos que regulamentam o ensino de literatura no Brasil. Haja vista não termos, nos primeiros anos de escolarização, a disciplina de literatura, que fica relegada a uma parte do currículo de Língua Portuguesa e acaba se tornando mera ferramenta de ensino, ou servindo aos treinos de leitura, quando muito são destacadas as características de determinados gêneros (Jesus, 2019).

Nos documentos do PNAIC, por exemplo, o trabalho com os gêneros textuais é sugerido para o objetivo de facilitar a apropriação dos usos da língua ou a capacidade de linguagem mediante a ação e o discurso. O documento divide os gêneros textuais em 11 grupos, dos quais apenas o primeiro é identificado como literário: “1) Textos literários ficcionais - São textos voltados para a narrativa de fatos e episódios do mundo imaginário (não real). Entre estes, podemos destacar: contos, lendas, fábulas, crônicas, obras teatrais, novelas e causos” (Brasil, 2012, p. 8).

Todorov (2021, p. 28) defende que

o professor de literatura não pode se resumir a ensinar, como lhe pedem as instruções oficiais, os gêneros e os registros, as modalidades de significação e os

efeitos da argumentação, a metáfora e a metonímia, a focalização interna e externa etc. Ele estuda também as obras.

Nesse ponto, ele apresenta uma crítica às universidades francesas, aos cursos de letras, mais especificamente, pois para ensinar as obras é preciso aprender a estudar as obras, a compreender a literatura por esse viés e não apenas de modo técnico.

Para Todorov (2021), “Os professores não são os responsáveis por essa maneira ascética de falar da literatura” (p. 31). Isso porque se ensina a partir do que e como se aprende e dos documentos que norteiam esse ensino, como é o caso do Boletim do Ministério da Educação da França ou do PNAIC, aqui no Brasil, entre os anos de 2013 e 2017.

A defesa não é, contudo, de que o sentido da obra se limite à leitura subjetiva do aluno, mas que haja um trabalho de conhecimento. Segundo Todorov (2021), “O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um” (p. 33), por isso, é preciso compreender que a literatura não nasce no vazio, como argumenta o autor, mas também não se esvai, ainda que seja um modelo de experiência, pois essa experiência se junta às muitas experiências de seu leitor e ao seu próprio contexto, a literatura não tem data de validade, não jubila. A proposta do autor seria que

[...] a abordagem interna (estudo das relações dos elementos da obra entre si) devia completar a abordagem externa (estudo do contexto histórico, ideológico, estético). O aumento da precisão dos instrumentos de análise permitia estudos mais agudos e rigorosos; o objetivo último, porém permanecia a compreensão do sentido das obras. (Todorov, 2021, p. 36)

Pois, quando iniciou seus estudos na área de literatura, a balança pendia apenas para a parte do sentido, se estudando a biografia do autor, os protótipos dos personagens, as variantes das obras e as reações que elas provocavam ao longo do tempo. Não havendo, segundo ele, um ponto de equilíbrio. Contudo, ainda que seus esforços tenham sido em levar à valorização dos estudos voltados à estrutura das obras, o autor reconhece que não foi o que aconteceu. A falta de equilíbrio permaneceu e os estudos de literatura se verteram para o ponto oposto da balança, desvalorizando o sentido das obras.

Isso justificaria a falta de interesse dos alunos de Ensino Médio, pois não encontram em suas vidas espaços e justificativas para estudar literatura. Se não são construídas reflexões acerca da relação entre a literatura e o mundo real, o aluno não se sente contemplado por ela, não consegue tecer relações, perdendo-se assim a principal função da literatura.

Todorov (2021) explica que, a princípio, essas divergências e mudanças drásticas no modo de se estudar literatura se orientam pela universidade, na formação dos professores e estudiosos. Por mais que na universidade não haja um direcionamento mais fechado e controlado do que se ensinar, estando aberta e com a presença de

tendências diversas, com escolas de pensamentos contraditórios, na escola existe um direcionamento que vai seguir a tendência dominante, um direcionamento único, sem abertura ao contraditório.

No decorrer do período anterior, que durou mais de um século, a história literária dominou o ensino universitário; isto é, tratava-se essencialmente de um estudo de causas que conduzem ao surgimento da obra: as forças sociais, políticas, étnicas e psíquicas, das quais o texto literário supostamente deveria ser a consequência; ou, ainda, os efeitos do texto, sua difusão, seu impacto no público, sua influência sobre outros autores. A preferência, assim, era concedida à inserção da obra literária numa cadeia casual. O estudo do sentido, em contrapartida, era considerado com muita suspeita. Esse estudo era criticado por nunca poder se tornar científico o bastante, sendo então abandonado a outros comentadores, desvalorizados, a escritores ou a críticos de jornais. A tradição universitária não concebia a literatura como, em primeiro lugar, a encarnação de um pensamento e de uma sensibilidade, tampouco como interpretação do mundo. (Todorov, 2021, pp. 37-38)

Para o autor, é nesse movimento, na busca por um aspecto científico da literatura, que a balança se volta para a técnica, para a estrutura, para os aspectos internos do texto. Nesse contexto, a obra passa a ser representada como um “objeto de linguagem fechado, autossuficiente, absoluto” (Todorov, 2021, p. 38), desconsiderando, por conseguinte, o mundo empírico, externo à obra, as relações entre ela e a realidade.

Essa é a perspectiva que direciona o ensino estudado pelo autor da escola de Ensino Médio da França. Se aprendia, por ocasião da pesquisa, realizada em 2006, que a literatura não tem relação com o mundo exterior, o que afasta o aluno desse universo. É assim também aqui no Brasil, com um agravante no Ensino Fundamental: a adoção da literatura como ferramenta de ensino, conforme já salientado, o que a torna ainda mais enfadonha e vazia de significado. Para Todorov (2021), o que ocorre com a literatura a partir do século XX é que se sobressai uma concepção “absurdamente reduzida do literário” (pp. 76-77), em substituição ao seu sentido mais amplo.

O caminho apontado por Todorov (2021) é que a literatura do Ensino Básico, aquela que se dirige a todos, que é, conforme defende Antônio Candido (2011), um direito, não deve se reduzir aos estudos literários, mas à obra, para além de si e do “jogo de seus elementos constitutivos” (p. 193). E, nessa perspectiva, o autor também responsabiliza autores de literatura, pois ao seu ver, estando preocupados com a crítica, eles acabam escrevendo textos que se reportam muito bem às suas estruturas internas, sem, todavia, conversar com a realidade.

Todorov (2021), por sua vez, defende que a literatura se refere a tudo, não estando, portanto, separada da política, da moral ou da religião, ou seja, se relaciona

com todas as demais áreas do conhecimento e dimensões da vida, pois expõe a opinião do homem acerca de cada uma dessas coisas. É ao mesmo tempo causa e efeito e não está, portanto, isolada, não é pura e neutra, não se trata apenas da sua estrutura, da forma. É nessa perspectiva que consideramos que deveria seguir o ensino de literatura nas escolas.

5. Considerações Finais

O que se compreende com os estudos, pesquisas e reflexões propostas neste artigo é que a literatura vai muito além da sua simples estrutura e merece mais que o rótulo de portadora de textos para treinos de leitura e buscas de informações, pois coloca em movimento o pensamento e o próprio conhecimento.

A literatura apresenta experiências e possibilidades que independem de espaço e tempo. Envolve o leitor e o leva a participar, a interagir com a história, a compreender seu contexto e as implicações que levam às ações desencadeadas no enredo. Se relaciona com a realidade, desvinculada de regras e manipulações. Foge ao que o professor propõe ou espera. Não pode ser controlada em suas afetações com o leitor. Não se trata de um manual.

Por fim, literatura é arte, uma dimensão da arte, que mexe com o leitor, faz parte de sua constituição e o humaniza. Por isso mesmo, ela é formativa. É assim, como parte de um processo civilizatório e da formação humana que a literatura deve ocupar o espaço escolar.

6. Referências Bibliográficas

Barthes, R. (2007). *Aula*. Cultrix.

Brasil. (2012). Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa. Ano 03: Unidade 05. *O trabalho com os diferentes gêneros textuais em sala de aula: diversidade e progressão escolar andando juntas*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/material/96.pdf>.

Candido, A. (2011). *Vários Escritos*. Ouro sobre azul.

Frye, N. (2017). *A imaginação educada*. Vide Editorial.

Jesus, S. A. (2019). *A literatura no âmbito do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás]. <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9671/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Simone%20Aparecida%20de%20Jesus%20-%202019.pdf>.

Jesus, S. A. (2020). Aquisição, importância e uso da língua para Gramsci. In M. M. Machado (Org.), *Ler Gramsci para pensar a política e a educação* (pp. 119-153). Scotti.

Schiller, F. (1989). *A educação estética do homem: numa série de cartas*. Iluminuras.

Soares, M. (2006). A escolarização da literatura infantil e juvenil. In, A. A. M. Evangelista, H. M. B. Brandão & M. Z. V. Machado (Orgs.), *A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil* (pp. 17-48). Editora Autêntica.

Todorov, T. (2021). *A literatura em perigo*. DIFEL.

Notas sobre a autora e o autor:

Simone Aparecida de Jesus
Universidade Federal de Goiás - UFG
ID Lattes: 8544801733673326

João Roberto Ferreira
joaoresendeferreira58@gmail.com
Universidade Estadual de Goiás - UEG
ID Lattes: 2240778833120256

A autora e o autor declararam a não existência de conflito de interesses.

Recebido em: 15/12/2023

Aceite, depois de revisão por pares, em 28/12/2023